



MISCELÂNEA

Revista de Pós-Graduação em Letras
UNESP – Campus de Assis
ISSN: 1984-2899
www.assis.unesp.br/miscelanea
Miscelânea, Assis, vol.8, jul./dez.2010



POESIA, IMPRENSA E VIDA LITERÁRIA: UM ESTUDO DOS POEMAS DE CIRCUNSTÂNCIA PUBLICADOS NA *GAZETA DE NOTÍCIAS*

Camila Soares López
(Mestranda — UNESP/Assis — FAPESP)

RESUMO

O século XIX brasileiro caracterizou-se por inovações de ordem técnica em âmbitos diversos, como a imprensa. O jornal passou a ser o veículo de comunicação por excelência no país. Viu-se, na época, a extensa publicação, nas páginas dos periódicos, de gêneros literários diversos. Para muitos, tal atividade era sinônimo de prestígio e, conseqüentemente, figuraram nas colunas das folhas brasileiras escritos de caráter elogioso, assinados por indivíduos desconhecidos e que, muitas vezes, esforçavam-se para adequarem seus versos ao metro parnasiano, que era supremo no período em questão. O objetivo deste artigo é trazer à luz as características dos versos ditos de circunstância presentes na *Gazeta de Notícias*. Estes denotam as particularidades de uma época, marcada pela primazia da estética parnasiana, como já se mencionou, e pela tentativa de homens e mulheres de angariar simpatias por meio da literatura.

PALAVRAS-CHAVE

Poesia; Parnasianismo; Simbolismo; *Gazeta de Notícias*; século XIX.

RÉSUMÉ

Le XIXe siècle au Brésil s'est caractérisé par des innovations d'ordre technique dans de différents cadres, comme la presse. Le journal est devenu le moyen de communication par excellence dans le pays. On a vu, à cette époque-là, la vaste publication, dans les pages des périodiques, de différents genres littéraires. Pour beaucoup de personnes, cette activité était synonyme de prestige et, par conséquent, on a observé dans les colonnes des journaux brésiliens des écrits élogieux, signés par des individus inconnus et qui faisaient des efforts pour atteindre la métrique présentée par les parnassiens, qui était suprême. L'objectif de ce travail est mettre en lumière les caractéristiques des vers appelés de circonstance et qui font partie de la *Gazeta de Notícias*. Ces vers montrent les particularités d'une période, marquée par la préférence donnée au Parnasse, comme on a déjà mentionné, et par la tentative des hommes et des femmes d'obtenir la sympathie des autres à travers la littérature.

MOTS-CLÉ

Poésie; Parnasse; Symbolisme; *Gazeta de Notícias*; XIXe siècle.

Introdução

Os últimos decênios do século XIX podem ser considerados significativos no que se refere ao surgimento de inovações de caráter técnico. A partir da chamada Segunda Revolução Industrial, observou-se, além da dinâmica expansionista da economia capitalista, que passou, então, a ser global, o desenvolvimento de novos potenciais (SEVCENKO, 1998, p. 8-9), como aqueles vinculados à energia e à medicina. Tais modificações alcançaram, igualmente, a imprensa.

No Brasil, viu-se, por exemplo, a modernização das técnicas de impressão, bem como o aumento das tiragens das folhas nacionais. Presenciou-se, assim, a edificação da imprensa escrita enquanto elemento inerente ao cotidiano dos habitantes da cidade e, ainda, enquanto espaço para a divulgação de informação e, especialmente, da literatura.

Pode-se afirmar que o jornal configurou-se como veículo de comunicação por excelência no Brasil do XIX. Publicar obras em folhas diárias, como a *Gazeta de Notícias*, era sinônimo de prestígio não apenas para escritores de renome, mas também para os anônimos, que, possivelmente, faziam parte de uma elite social que visava à obtenção de favores e tomavam a literatura, sobretudo a poesia lírica, como intermédio para o cumprimento de determinadas funções, isto é, a exaltação dos atos, a comemoração do aniversário ou o lamento da morte de indivíduos considerados importantes para a vida social de então.

Para este artigo, escolheu-se priorizar alguns dos poemas de circunstância — ou seja, versos que podem ser de caráter elogioso e que buscam louvar os feitos de alguém — publicados na *Gazeta* nos anos de 1890. Tais poemas são, em sua maioria, assinados por pessoas que não constam da História Literária e que, no entanto, se viam às voltas com os preceitos estéticos vigentes na época e que buscavam angariar simpatias por meio de seus respectivos escritos. Em meio ao embate parnasiano-simbolista que

ocorreu no período, os poemas desses autores tornam-se significativos na medida em que representam a tentativa de adequação de uma grande maioria à vida literária do país e são capazes de ilustrar uma época.

Em suma, o objetivo deste artigo é apresentar elementos vinculados à poesia lírica publicada no periódico *Gazeta de Notícias*, bem como elucidar conceitos relativos às estéticas vigentes na década de 1890 e ao cenário literário nacional do período.

I. Imprensa, literatura e a *Gazeta de Notícias*

Pensar a produção literária que data do final do século XIX pode resultar na análise do papel dos jornais na sua divulgação. A imprensa, estabelecida no Brasil de forma sistemática em 1808, com a chegada da Corte portuguesa e com a instalação da tipografia da Impressão Régia, (MOREL, 2008, p. 24) configurou-se, no período, como fonte de renda e instrumento de legitimação para os escritores.

Com o advento da República, assistiu-se ao crescimento populacional das cidades. Viu-se, no Rio de Janeiro, então capital nacional, a ânsia pela reforma e pelo crescimento do país; almejava-se, no lugar dos cortiços, das ruas insalubres e dos hábitos tidos como atrasados — isto é, as manifestações daquilo que era genuinamente brasileiro — os edifícios inspirados nas fachadas *Beaux-Arts* e a aclimação dos costumes europeus. Constituía-se, assim, o alicerce para a edificação da vida intelectual em terras brasileiras.

No que se refere às modificações vinculadas aos periódicos, ocorreram, por exemplo, a melhoria das técnicas de impressão, o estímulo à produção interna do papel, o aumento das tiragens, bem como o envio de correspondentes ao exterior. Essa expansão da imprensa pode ser atribuída, igualmente, às campanhas a favor da Abolição e da República, que ofereciam diversas oportunidades de trabalho intelectual (SIMÕES JR., 2007, p. 152). No tocante ao ofício de escritor no Brasil da virada do século, sabe-se que tal tarefa associava-se a diversas particularidades. Segundo Sérgio Miceli, a

escolha por essa atividade era creditada à falência das famílias e à orfandade precoce dos homens das letras, que, após o falecimento de seus patriarcas, o que resultava na “morte da posição social que ocupava e de todas as posições homólogas no espaço da classe dirigente” (MICELI, 2001, p. 33), viam na escrita uma nova possibilidade de dependência em face da oligarquia. Sabe-se, igualmente, que sobreviver apenas graças à produção literária era algo impensável no decorrer dos últimos anos do Segundo Império — era necessário ao escritor dedicar-se a profissões como a docência, a medicina, a magistratura e a advocacia ou aceitar a proteção imperial, o que não agradava a muitos dos escritores, que eram republicanos:

[...] o homem de letras não se contentava mais com o simples prestígio que o jornal lhe dava nem com o alcance modesto de sua possível influência intelectual. Ele queria mais. Muito mais. Queria ser remunerado condignamente, assim como alargar sua ação e atuar como consciência crítica de um país, em que os políticos de valor já eram matéria escassa. (DIMAS, 1994, p. 552).

Modificada a condição referente ao pagamento dos literatos, aliada ao arrefecimento dos conflitos políticos da época (que impediam o bom funcionamento dos periódicos, em especial os do Rio de Janeiro) e ao surgimento das primeiras agremiações literárias e das reflexões sobre a lei dos direitos autorais (aprovada pelo Congresso Nacional em 16 de julho de 1898), eram vários os que passaram a vislumbrar o jornal como um meio de sobrevivência. Meio, esse, que dividia as opiniões, no que concerne à liberdade de expressão, por exemplo. Para Olavo Bilac, o “[...] jornalismo é para todo o escritor brasileiro um grande bem. É mesmo o único meio do escritor se fazer ler” (RIO, 1994, p. 18). Em contrapartida, para outros, como Coelho Neto, a literatura publicada nos jornais “[...] lembra os livros impressos no tempo do Santo-Ofício. Não tem o visto da Inquisição, mas tem o visto do redator-chefe”. (Idem, p. 60)

Divergências a parte, pode-se afirmar que, no Brasil, colaborar em jornais era o objetivo de muitos intelectuais. Para o já citado Bilac, por

exemplo, ver seus escritos divulgados pela *Gazeta de Notícias* era sinônimo de prestígio:

O jovem Bilac revelava conhecer o meio intelectual do Rio de Janeiro ao aspirar a um emprego no jornal de Ferreira de Araújo, que consagrava e popularizava seus colaboradores literários, autores do porte de um Machado de Assis e de um Eça de Queiroz. Por outro lado, a *Gazeta* via seu prestígio e sua credibilidade engrandecidos por esses nomes respeitados e admirados.

Sendo assim, Bilac precisou adquirir certa notoriedade para ser aceito como colaborador regular. Sua participação na *Gazeta* foi gradualmente aumentando em volume e importância. Para o jovem poeta de dezoito anos, ver um de seus poemas, "Nero", estampados no jornal mais popular do Rio de Janeiro foi uma glória incomparável. (SIMÕES, 2007, p. 122).

Fundada em 1875 por Elísio de Menezes, Manuel Carneiro e Ferreira de Araújo — redator-chefe do jornal até 1900, ano de sua morte, — a *Gazeta de Notícias* notabilizou-se por seu pioneirismo no sistema de venda avulsa, o que auxiliou na maior difusão da informação, e por ter sido, possivelmente, a primeira da América Latina a apresentar em sua oficina de impressão a rotativa Marinoni, item inovador para a época. Apresentou em suas páginas textos de intelectuais, como Joaquim Nabuco e Capistrano de Abreu. Diferenciou-se, ainda, no que se refere à remuneração de seus redatores — que, por seção, recebiam duzentos e cinquenta a quinhentos mil réis — e colaboradores — Machado de Assis, por exemplo, ganhava cinquenta mil réis por conto publicado, além de receber de vinte cinco a trinta mil réis por crônica (BROCA, 1991, p. 135). Observa-se, assim, a importância adquirida pelo jornal carioca em seu período de circulação, bem como a dos escritos por ele difundidos.

O estudo das obras publicadas na *Gazeta de Notícias* denota que essa relevância saltava aos olhos não apenas dos intelectuais, mas igualmente de indivíduos que não constam da História literária e que obtiveram a chance de nela publicar os seus textos, em especial poemas de caráter lírico. Apenas nos primeiros anos da década de 1890, foram divulgados pela *Gazeta* cerca de 600 poemas cujo gênero é lírico — obras, essas, que ocupavam as primeiras

páginas do jornal, o que indica o possível destaque que recebiam. De tal soma, no que concerne aos anos de 1890 a 1895, contam 174 poemas de circunstância, isto é, escritos que, por vezes, louvavam os feitos de determinados indivíduos que figuravam na cidade do Rio de Janeiro, além de lamentar a morte de familiares ou o falecimento de homens vinculados à política ou à chamada alta sociedade.

Nota-se, assim, que, em um momento em que, segundo Antonio Dimas, “[...] brasileiro que desejasse ser *bien réussi* na sociedade deveria estar sempre armado de um soneto, pronto para ser disparado assim que a ocasião exigisse” (DIMAS, 1994, p. 539), é compreensível o desejo de homens e mulheres da época de figurar nas páginas dos jornais por meio de seus versos, bem como o de adequarem-se, — exitosamente ou não, — aos desafios estabelecidos pelos ditames parnasianos do período, que se opunham à estética simbolista.

II. A *Gazeta* e o momento parnasiano-simbolista no Brasil

O Brasil do século XIX foi cenário para o estabelecimento de diferentes estéticas literárias, entre os quais se contam o Parnasianismo e o Simbolismo. Foram diversos os autores que se filiaram aos preceitos desses movimentos, que apesar de terem coexistido e de serem “identificados ou misturados pelos seus elementos formais e ideológicos, divergem à medida que avançam no tempo, e se tornam paralelos e adversários” (COUTINHO, 1997, p. 319).

O Parnasianismo, — termo que passou a vigorar no país a partir da publicação da obra *Sonetos e rimas*, de autoria de Luís Guimarães, — e o Simbolismo provêm da França, possuindo como origem comum a coletânea *Le Parnasse Contemporain*, que data de 1866. Segundo Péricles Eugênio de Ramos, coube a Artur de Oliveira introduzir em terras brasileiras os preceitos do Parnaso: durante a sua estada na Europa, que durou dois anos, tomou conhecimento dos versos de autores parnasianos — Oliveira chegou a afirmar

ter convivido com figuras como Leconte de Lisle e Théophile Gautier, — apresentando-os aos seus amigos após o seu retorno. (RAMOS, 1967, p. 161).

Pode-se afirmar, além disso, que a crítica tecida por Machado de Assis em sua época é considerada um dos meios de difusão daqueles que seriam os princípios parnasianos no Brasil, já que o autor era defensor de ditames como, por exemplo, a economia das imagens, a precisão vocabular e a correção gramatical:

Quanto à correção gramatical, de que Machado sempre havia dado exemplo, os primeiros parnasianos passam a reformar em novas edições os seus livros anteriores, notadamente recolocando os pronomes. A precisão vocabular era um imperativo de clareza, assim como o eram a economia da composição e a sobriedade das imagens; Machado de Assis fulminava o excesso destas em *Iracema*. (Idem, p. 162).

No tocante ao Simbolismo, sabe-se que tal vertente foi, em especial, um movimento parisiense, “por seu aspecto cosmopolita, que preparou um determinado clima internacional propício aos subseqüentes grupos de vanguarda: cubismo, futurismo, dadaísmo e surrealismo” (BALAKIAN, 1985, p. 15). Foi, ainda, fruto de uma crise do século XIX, período permeado por questões vinculadas à identidade humana e à individualidade do artista na sociedade de consumo. Além disso, particularizou-se por conta de elementos como a negação das soluções racionalistas e pelo culto aos valores espirituais.

Consideram-se Medeiros e Albuquerque e Wenceslau de Queiróz os precursores do Simbolismo no Brasil. Toma-se, igualmente, o ano de 1893 como o marco do início do movimento simbolista no país, graças à publicação das obras, de autoria de Cruz e Sousa, *Missal e Broquéis*, — esta anunciada pela *Gazeta* como sendo “[...] versos de moço, quase sempre cantando as harmonias da carne, e não raro fazendo-os com exuberâncias de estilo, que vão até a obscuridade” (*GAZETA de Notícias*, 1893, p. 1).

No que tange à recepção do Parnasianismo e do Simbolismo no território nacional, viu-se que o primeiro foi supremo na preferência do público leitor. Quanto à crítica, observou-se uma série de escritos que depreciava o

Simbolismo. A estética simbolista era entrevista, na época, enquanto um movimento não representativo de linguagem, que se distanciava do referencial da realidade e do imitativo, o que era almejado pela literatura do período (CARA, 1983, p. 10). Os versos de caráter parnasiano apresentavam, por exemplo, regras sintáticas fixas e artifícios retóricos, o que os tornava claros, no que concerne à compreensão (ASSUMPÇÃO, 1979, p. 35); realizavam, por meio do léxico, o discurso do domínio e do poder, em um ritual de estabelecimento de uma “fantasia verbal”.

Segundo Andrade Muricy, em seu *Panorama do movimento simbolista brasileiro*, o Parnasianismo encontrou um terreno adequado no Brasil por conta da “falta de cultura universalista existente no país”, fruto do provincianismo de nossa crítica (MURICY, 1987, p. 21). Além disso, a postura parnasiana, contrária a elementos como prosaísmos, neologismos e regionalismos, fez com que não apenas o Simbolismo, mas alguns gêneros literários fossem considerados menores e mesmo desprezíveis, tanto por sua temática como pelo registro coloquial que apresentavam (SIMÕES JR., 2007, p. 25). Pode-se considerar, também, que, enquanto os simbolistas dirigiam suas obras a um público restrito, formando pequenos grupos de escritores ditos iniciados, os parnasianos agiam de forma contrária, estabelecendo laços estreitos com os leitores por meio de um vasto número de colaborações na imprensa:

[...] nossos críticos acabariam por difundir uma concepção de literatura e de arte (tendo na base a ideia de “arte como representação da realidade) que ajuda a conservar a crença na *transparência do real* e funciona como ideologia que impede uma verdadeira reflexão crítica sobre esse real: nesse caminho, uma pretensa objetividade seria a mentirosa garantia daquela participação na vida social que todos queriam e a que tinham direito (CARA, 1983, p. 23).

As obras de cunho lírico publicadas na *Gazeta de Notícias* denotam a supremacia do Parnasianismo frente ao Simbolismo. Em tal folha, obras de autores como Alphonsus de Guimaraens raramente eram publicadas. Em contrapartida, o já mencionado Alberto de Oliveira divulgou, apenas no ano de 1891, 25 poemas na *Gazeta*. Igualmente, críticas depreciativas relativas ao

poeta Cruz e Sousa, maior representante da estética simbolista no Brasil, ganharam espaço no jornal em questão. A exemplo do que ocorreu na França, como a publicação *Les déliquescentes d'adoré Floupette* (1885), de Beauclair e Vicaire, consta da *Gazeta de Notícias* um escrito da autoria de Magalhães de Azeredo, (AZEREDO, 1893, p. 1-2) no qual o poeta, em sua coluna "Homens e Livros", fez duras considerações concernentes à obra *Missal*, de Cruz e Sousa. Encontraram-se, também, textos satíricos que ridicularizavam a produção poética e a figura do poeta catarinense, alcunhado "Dante Negro" pelos seus. Esse é o caso, por exemplo, dos poemas "Na costa d'África", (CRUZ, 1893, p. 3) assinado por Souza e Cruz, e "Chorar", de Pedro Malazarte (MALAZARTE, 1891, p. 1).

Assim, torna-se inteligível a tentativa de adequação aos preceitos parnasianos por aqueles que aspiravam à elaboração de versos da década de 1890. Possivelmente, eles observavam a supremacia dos representantes do Parnaso nas páginas dos jornais de renome e aliavam o desejo de inserir-se aos padrões literários correntes à vontade de elogiar e angariar simpatias a partir da produção poética.

III. Circunstância e poesia

A *Gazeta de Notícias* cedeu espaço a diversos gêneros literários, como a crônica, o romance e a poesia. Pode-se afirmar que grande parte dos poemas divulgados no último decênio do século XIX por essa folha filia-se à estética parnasiana, como citado anteriormente. Eram cativos em suas colunas poetas como Alberto de Oliveira e Olavo Bilac.

Em 25 de janeiro de 1896, a *Gazeta* estampou em sua primeira página o poema "Vita nuova", de autoria de Bilac:

Se ao mesmo gozo antigo me convidas,
Com esses mesmos olhos abrasados,
— Não me fales dos beijos dissipados,
Não me fales das lágrimas perdidas!

Mata a recordação das horas idas,

Das horas que vivemos apartados!
Cabem num coração cem mil pecados,
E há numa vida humana cem mil vidas...

Amo-te! A febre que supunhas morta
Revive. Esquece o meu passado, louca!
Que importa a vida que passou? Que importa

Se inda te amo, depois de amores tantos,
E inda tenho nos olhos e na boca,
Novas fontes de beijos e de prantos? (BILAC, 1896, p. 1)

Observa-se que “Vita nuova” se trata de um soneto — forma fixa amplamente empregada no período — cujos versos são decassílabos e o esquema rímico é regular, isto é, apresenta a sequência ABBA/ABBA/CDC/EDE. Não há, no poema, o verso dito sáfico — ou seja, quando o acento incide na quarta, na oitava e décima sílabas, — largamente utilizado pelos românticos e renegado pelos representantes do Parnaso, que optavam pela “lei da mobilidade das cesuras” (RAMOS, 1997, p. 145). Vê-se, ainda, a presença significativa de tônicas, a economia de imagens e, no tocante ao âmbito da expressão, nota-se, novamente, outra particularidade vinculada aos preceitos parnasianos: há a referência a um estado subjetivo de espírito, que, no entanto, não se associa à sentimentalidade pregada pelos poetas românticos.

Os elementos apresentados na breve análise dos versos de “Vita nuova” configuram-se enquanto amostra dos matizes adotados por uma gama de poetas que figuraram na década de 1890. Esses matizes, possivelmente, serviram de exemplo àqueles que estampavam seus poemas de circunstância em jornais como a *Gazeta de Notícias* e que, contudo, não constam da História Literária, mas que podem ser considerados importantes para o estudo e para a compreensão do cenário literário do Brasil do XIX.

Torna-se possível afirmar que a *Gazeta* cedeu de maneira significativa espaço aos poemas ditos de circunstância.¹ De modo geral, essas estrofes possuem caráter elogioso e temas diversos, que transitam entre datas

¹ Entre os anos de 1890 e 1893, foram publicados 131 poemas de circunstância, cujo caráter é elogioso, na *Gazeta de Notícias*.

comemorativas, lamentos pela morte de entes queridos, aniversários e experiências pessoais. Por vezes, acompanhavam os acontecimentos políticos da década de 1890, denotando as tendências republicanas e mesmo as monarquistas do período. Em outros momentos, serviam como propaganda de medicamentos ou eram utilizados como via de comunicação entre os próprios colaboradores da *Gazeta*, que agradeciam uns aos outros por traduções e críticas tecidas. Eram, geralmente, publicadas entre a segunda e a terceira páginas do jornal, junto a dedicatórias bajuladoras, por meio das quais é possível entrever quais eram as figuras que faziam parte do cenário social carioca e que tinham acesso a um espaço destinado às publicações literárias; aparecem, entre os homenageados, nomes como Idalina Wandenkolk, Dr. Bomsucesso — que é comparado a La Fontaine por seu admirador, — e Irene Tavares ao lado dos de Benjamin Constant, Deodoro da Fonseca, Floriano Peixoto, além dos de indivíduos ligados ao meio artístico e que possuíam sucesso na época, como as atrizes Rose Méryss e Amélia Delorme, e Guilherme da Silveira, empresário do teatro *Variedades*.

Como já se mencionou, alguns dos poemas em questão denotavam o desejo de grande parte de seus autores de acompanhar os preceitos estéticos vigentes no período, em especial o decálogo Parnasiano. Ao retomarmos “Vita Nuova”, de Bilac, nos deparamos com a forma fixa do soneto, também utilizada por alguns daqueles que elaboravam versos de circunstância. Um exemplo de tal adequação formal pode ser entrevisto em “Tiradentes” — título que sugere a contraposição à Monarquia, — de Vital de Espírito Santo. Nesta obra, que é um soneto de versos decassílabos e esquema rímico regular (ABBA/ABBA/CCD/EED), vê-se, ainda, que as sílabas tônicas se fazem presentes, o que é uma característica parnasiana:

Avesso ao servilismo, assassinado,
Tiradentes falece! Em luta, a gente
assiste ao crime audaz, muda e tremente,
sem levantar, sequer, a voz num brado!

O corpo exangue, pálido e humilhado,
de grossas vigas cai. O herói, pendente,

de cordas mil, morrera penitente,
vendo ao lado Jesus crucificado!

A corte exulta ao ver cumprida em breve
a lúgubre sentença. O sol escreve
desse dia imortal, uma epopeia!

Hoje, a história, em fulgor, registra o feito
do mártir-sobranceiro, e, satisfeito,
lembra-lhe o Povo a grandiosa ideia! (SANTO, 1895, p. 1)

Caso semelhante ocorre em “És esperança cara e lírial”, escrito em homenagem a certa Amélia Augusta de Carvalho e cuja autoria é de Cesário Lima. Embora haja um pequeno deslize, na primeira estrofe, referente à colocação pronominal, o que não era bem visto pelos representantes do Parnaso,² percebe-se a tentativa de Lima de alcançar o ajustamento formal:

És a esperança cara e lírial
Do ser que deu-te o ser, virgem formosa,
A alegria da pátria futura,
Ó artista modesta e genial.

Na linguagem sublime e universal,
Repleta de cadência harmoniosa,
A tua alma revela, graciosa,
Teu puro coração angelical.

Alegre, saltitando no arvoredos,
Com hinos te saúda o passaredo,
Ao ouvir-te na harpa a dedilhar;

No auge da alegria o povo entoa
Este canto fremente que ressoa:
— “Os louros do porvir ide buscar” (LIMA, 1897, p. 3)

“És a esperança cara e lírial” também está disposto na forma fixa do soneto e possui metrificacão regular, já que apresenta versos decassílabos e esquema rímico ABBA/ABBA/CCD/EED. Observa-se, ainda, que se trata de um decassílabo heroico (acentuação na sexta e na décima sílabas), o que confere cadência aos versos; vê-se e a presença constante de *enjambements*, ou seja, o transbordamento sintático de um verso naquele que o segue. Quanto à

² Sabe-se que, nas segundas edições de suas primeiras poesias, os parnasianos corrigiram a colocação dos pronomes, ignorando as composições que não foram capazes de modificar.

adjetivação, nota-se que esta, da mesma maneira, associa-se ao que era cultivado, de modo geral, pelos poetas parnasianos, especialmente no que se refere à designação de um estado de espírito, (ASSUMPÇÃO, 1979, p. 29) a partir do emprego de qualidades como “alegre” e “harmonioso”.

Faz-se necessário considerar, porém, que a análise dos poemas de circunstância divulgados pela *Gazeta* indica que nem sempre a tentativa de adequação ao metro parnasiano obtinha sucesso, o que evidencia que os seus respectivos cultores eram pessoas comuns às voltas com as normas poéticas correntes. Em certos poemas, por exemplo, percebem-se as “saídas” utilizadas por seus autores para atingir determinada metrificação, o que era pouco louvável no que se refere aos matizes formais da época e que denotam as dificuldades desses indivíduos no que se refere ao que era pregado pelos parnasianos. Tal característica pode ser entrevista em “Dormes amigo, descansa”, publicado em 1896 e assinado por F. R. M. O. Disposto em quartetos, o escrito em questão apresenta rimas interpoladas e versos heptassílabos. No entanto, observa-se que, no terceiro verso da primeira estrofe, o vocábulo “saudade” é dividido em quatro sílabas para que o metro seja heptassílabo. Além disso, no segundo verso da quarta estrofe, há o fato de o poeta possivelmente ter ignorado uma elisão evidente para que o verso apresentasse sete sílabas métricas (“Onde teu corpo existe”).

Dormes amigo, descansa,
No sono da eternidade,
Que a triste saudade
Me deixaste por lembrança.

Não posso mais esquecer-te,
Bom amigo e companheiro;
Eras bom e verdadeiro,
Sinto não tornar a ver-te.

Jovem, moço e delicado,
Eras por todos querido,
Por todos será sentido,
Caro amigo dedicado.

Lá no fundo do jazigo

Onde teu corpo existe
Uma lágrima bem triste,
Recebe do teu amigo (F. R. M. O, 1896, p. 3).

Outro dado relevante é o fato de que os autores dos poemas de circunstância muitas vezes resgatavam uma forma fixa pouco utilizada, que é o acróstico (composição poética nas quais certas letras formam frases ou palavras, especialmente nomes próprios), em uma época em que, como mencionado anteriormente, o soneto era a forma considerada sinônimo de modelo de bem-versejar. O acróstico, que tem sua origem na Antiguidade greco-latina, circulou em Portugal entre o século XV e XVII, e foi episodicamente cultivado no Brasil. Era tido como “expediente típico de poetas menos inspirados que virtuosos” (MOISÉS, 2004, p. 11). Um exemplo característico são os versos de “Anos”, publicados em 19 de fevereiro de 1896. Tal obra caracteriza-se, também, por não apresentar metrficação regular e dificuldades referentes à colocação pronominal:

A lembrança de seus anos
Lindos versos quisera fazer
Com gosto oferecer.
Invocando a Deus teu nome
Neste dia venturoso,
Alegres gorjeiam as aves.

Doces cânticos suaves
Oferecem-te um hino
Sôfregos repicam os sinos,

Saudando o teu nascimento,
Agora neste momento,
Na mente tenho gravado
Tuas virtudes tão nobres,
Outros tantos são os pobres
Se curvam com reverência.

Pedem a Deus tua existência;
Idolatrada senhora
Nos anais na história,
Terá sempre casa glória
O teu nome idolatrado (G., 1896, p. 2).

Pode-se considerar, igualmente, enquanto particularidade passível de análise, o fato de que parte dos poemas de circunstância publicados na *Gazeta* terem denotado, muitas vezes, o sentimentalismo exacerbado, o que vai de encontro com a contenção pregada pelos preceitos e parnasianos e com os ideais anti-românticos da estética. A característica em questão pode ser entrevista em “Lágrimas”, de Carmem Andrett. Dotado de três estrofes, cada qual com seis versos, apresenta em seus versos o tema do luto e o excesso de vocábulos que remetem ao derramamento sentimental, como “dor”, “pavorosa”, entre outros:

Rosa branca que abristes, à luz do dia,
Vivendo uma só hora d’alegria
Com sorrisos de amor
Linda sucena, que vivestes rindo
Junto ao riacho, o vento te impelindo
Caístes em chãos de dor.

Que resta? ... Uma só folha acaso viste
Nesse jardim do mundo?... onde é que existe
Mortal dizes, que é minha!...
Mentira! Oh! sim mentira! ... a tempestade
Da morte pavorosa — sem piedade
Tudo levou daninha!

Felix, Felix, o filho querido
De seus pais amante, a maior ventura,
De seus avós a alegria,
Era!... era, meu Deus, e a morte irada,
Com sopro arrebatou-o ao triste nada,
Aquele campa fria. (ANDRET, 1892, p.2)

Muitos desses versos apresentavam, ainda, o caráter excessivamente adulator, o que sugere que o objetivo de elogiar sem parecer servil era poucas vezes alcançado. Tal indicativo reforça a hipótese, já aludida neste artigo, desses escritos representarem uma tentativa, por parte de seus autores, de angariar a simpatia, por um determinado interesse, daqueles que eram entrevistados como figuras de destaque na sociedade de então. O poema “Anos”, anteriormente verificado, pode ser considerado exemplo desta premissa, visto que apresenta a menção direta à pessoa homenageada (Alcina dos Santos

Pinto), o que indica que, possivelmente, houve a vontade, por parte do autor, de agradá-la. No mais, observa-se que o autor do texto em questão exalta de maneira exagerada o seu objeto de afeição, inserindo-o até mesmo nos “anais da história”.

Poesia, circunstância e preceitos parnasianos. Estes são elementos capazes de definir uma época e de denotar a existência de uma produção literária que se constituiu a partir de uma estética que foi predominante em um período, muitas vezes filiando-se ou mesmo distanciando-se dela. O estudo dos poemas de circunstância divulgados pela *Gazeta de Notícias* nos revela os versos daqueles que, mesmo desconhecidos da História da Literatura, nos permitem construir esclarecimentos sobre os ideais estéticos cultivados no período e a importância da *Gazeta* na divulgação da poesia lírica.

Conclusão

Os estudos que possuem como objeto os periódicos que circularam no Brasil nos primeiros anos da República apontam para diferentes questões, dentre as quais contam os preceitos referentes à produção poética no país. A análise dos poemas líricos publicados na *Gazeta de Notícias* em tal época traz à luz particularidades diversas, especialmente aquilo que concerne às estéticas vigentes e à própria condição de escritor.

Sabe-se que eram muitos os literatos reconhecidos que almejavam ver seus escritos divulgados por folhas populares e torna-se possível entrever, igualmente, o desejo de pessoas comuns de participar da vida literária de então, já que o ofício de escritor era uma atividade vinculada ao prestígio. Assim, as páginas da *Gazeta* denotam a existência, em tal momento, de homens e mulheres que escreviam poemas de circunstância e que se viam às voltas com as normas poéticas e com a necessidade de elogiar indivíduos que, possivelmente, faziam parte da dita alta sociedade.

Pode-se afirmar que os poemas de circunstância divulgados pela *Gazeta* cujo caráter é elogioso apresentam, de modo geral, elementos relativos à

estética parnasiana, como o uso da forma fixa do soneto e a metrificação regular. Todavia, deve-se ressaltar que o fato de nem sempre o decálogo parnasiano ter sido obedecido denota as dificuldades encontradas pelos autores dessas obras. Além disso, percebe-se que tais versos, por denotarem excessivo sentimentalismo, distanciam-se do estilo por vezes contido e objetivo do Parnasianismo. No mais, verifica-se que, se o anseio era o de não ser bajulador, vê-se que os poemas de circunstância apontam para o fato de que tal particularidade não era alcançada por seus autores.

Em suma, conclui-se que os poemas de circunstância, divulgados em um momento marcado pela vigência do Parnasianismo e do Simbolismo, indicam uma possibilidade de leitura e investigação da poesia lírica brasileira, bem como se fazem relevantes para a compreensão de certas características referentes à literatura nacional.

Referências bibliográficas

ASSUMPÇÃO, Nívia. *O Parnasianismo como fenômeno da cultura brasileira em conflito entre Kitsch e Vanguarda*. 1979. Dissertação de mestrado. Pontifícia Universidade Católica (PUC), São Paulo.

BALAKIAN, Anna. *O simbolismo*. São Paulo: Perspectiva, 1985.

_____. *Naturalistas, parnasianos e decadistas: vida literária do realismo ao pré-modernismo*. Coordenação de Alexandre Eulalio. Campinas: Editora da UNICAMP, 1991.

CARA, Salete de Almeida. *A recepção crítica: O momento parnasiano-simbolista no Brasil*. Pref. de Antonio Candido. São Paulo: Ática, 1983.

COUTINHO, Afrânio. Simbolismo, Impressionismo, Modernismo. In: COUTINHO, A. (dir.) *A literatura no Brasil*. 4. v. Rio de Janeiro: Global, 1997.

DIMAS, Antônio. A encruzilhada do fim do século. In: PIZARRO, Ana (org.). *América latina: palavra, literatura e cultura*. São Paulo: Memorial, Campinas: Ed. da UNICAMP, 1994.

GAZETA DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro, 1890-1900. Cotidiano.

MARTINS, Ana Luiza; DE LUCA, Tânia Regina. (org.). *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.

MICELI, Sérgio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. 12. ed. rev. e ampl. São Paulo: Cultrix, 2004.

MOREL, Marco. Os primeiros passos da palavra impressa. In: MARTINS, A. L.; DE LUCA, T. R. (org.). *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.

MURICY, Andrade. Introdução. In: Idem. *Panorama do movimento simbolista brasileiro*. 3. ed. rev. e ampl. 1. v. São Paulo: Perspectiva, 1987.

RAMOS, Péricles Eugênio da Silva. *Do Barroco ao Modernismo*: Estudos de poesia brasileira. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1967.

RIO, João do. *O momento literário*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 1994.

SEVCENKO, Nicolau. Introdução: o prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso. In: NOVAIS, Fernando A (coord.). *História da vida privada no Brasil*. 3.v. São Paulo: Cia. das Letras, 1998. República: da *Belle Époque* à Era do Rádio, org. por Nicolau Sevcenko.

SIMÕES JR. Alvaro S. *A sátira do Parnaso*: estudo da poesia satírica de Olavo Bilac publicada em periódicos de 1894 a 1904. São Paulo: Editora UNESP, 2007a.

_____. Localismo e cosmopolitismo nas revistas-de-ano. In: CAIRO, Luiz Roberto; SANTURBANO, Andrea; PETERLE, Patrícia; OLIVEIRA, Ana Maria Domingues de (org.). *Nas malhas da narrativa*: ensaios sobre literatura, história, teatro e cinema. Assis: FCL-Assis-UNESP-Publicações, 2007b.

Artigo recebido em 15/04/2010 e publicado em 08/11/2010.